ENSAIO ACERCA DE AMÁLIA RODRIGUES, O FADO E O TURISMO

Jean Carlos Vieira Santos
Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia e Pós Doutorado pela Universidade do Algarve (Portugal). Professor da Universidade Estadual de Goiás - UEG
svcjean@yahoo.com.br

Resumo: O presente ensaio objetiva refletir sobre o centenário da fadista Amália Rodrigues e suas contribuições para que tal arte sonora lusitana alcançasse todos os continentes do mundo e se transformasse em um dos principais atrativos turísticos de Portugal. Diante do interesse pela temática do centenário amaliano, este trabalho foi preparado conforme o método qualitativo ao privilegiar, sobretudo, os pormenores teóricos de obras físicas e eletrônicas, trazendo reflexões sobre o fado como marca cultural e internacional. Desse modo, a análise se mostra ciente de que permanecerão lacunas e rupturas sobre o tema e que é fundamental impulsionar outras reflexões e diálogos que possibilitem pensar a música de Amália associada a áreas como turismo, geografia urbana, literatura e cultura.

Palavras-chave: Centenário Amaliano; Fado; Música; Turismo.

ESSAY ON AMÁLIA RODRIGUES, FADO AND TOURISM

Abstract: This essay aims to reflect on the centenary of fado singer Amália Rodrigues and her contributions so that this Portuguese sound art could reach all continents of the world and become one of the main tourist assets in Portugal. Given the interest in the theme of Amalian centenary, this work was prepared according to the qualitative method by mainly privileging the theoretical details of physical and electronic works, bringing reflections on fado as a cultural and international mark. Thus, the analysis is aware that gaps and ruptures on the theme will remain and that it is essential to promote other reflections and dialogues that allow thinking about Amália's songs associated with areas such as tourism, urban geography, literature and culture.

Keywords: Amalian Centenary; Fado; Music; Tourism.

INTRODUÇÃO

> *Escrever sobre Amália é mais do que falar sobre uma grande artista ou uma grande voz. É escrever sobre a saudade, os portugueses e Portugal (FERREIRA, 2006, p. 132).*

Registrar este texto sobre Amália Rodrigues é abrir o sentimento pelo fado e recordar, com as palavras mais certas, as experiências vividas no Algarve, destino turístico internacional que também consideramos porta-voz dos poetas fadistas e nos traz as lembranças do primeiro contato com uma apresentação da música lusitana no restaurante O Chalavar, na cidade de Faro. Nesse cenário é possível ouvir a alma serena da guitarra portuguesa e as principais vozes de uma música vista como o mais profundo sentir de um povo cuja vida floresce ligada ao mar.

De fato, a voz de Amália pode ser considerada uma das marcas mais importantes da produção musical portuguesa, sobretudo para a atividade turística do país, pois o fado é um elemento de autoafirmação da cultura lusitana e uma das formas mais autênticas de externar o seu jeito de ser e de sentir. A voz desse ícone internacional potencializa o turismo cultural de Portugal, ao cantar sobre os usos e costumes das pessoas e dos lugares, além de exaltar as belezas do Rio Tejo e de Lisboa e seus bairros tradicionais.

Ao ouvir o fado, é possível compreender porque a voz de Amália Rodrigues é capaz de promover as belezas turísticas, cênicas e humanas do país, de aguçar o desejo em conhecer as terras lusitanas cantadas nos versos. Algumas músicas nos propõem um percurso imaginário geográfico-turístico por determinados pontos turísticos fulcrais de Lisboa, a exemplo de Alfama, bairro branco de herança árabe e famoso na história do fado por ser centro fervilhante de casas onde se faz(ia) e se canta(va) a tradicional música portuguesa (Figura 1).

Figura 1. Bairro de Alfama, em Lisboa, território onde está localizado o Museu do Fado

Fonte: Santos (2019).

Em diversos estudos realizados em Portugal, no Brasil e em outros países, é citado que Amália da Piedade Rebordão Rodrigues, mais conhecida como Amália Rodrigues, nasceu em Lisboa a 23 de julho de 1920 e faleceu na mesma cidade em 1999. A artista deu alma musical a letras e poemas escritos para o fado; por isso, passou a ser admirada e permitiu consolidar esse gênero não somente no mundo lusófono, como também em diferentes países e culturas.

De acordo com Ferreira (2006), a voz do fado cantou Camões e todos os poetas, "os seus poetas", como ela dizia, o que proporcionou novos horizontes e conteúdos culturais a esse gênero. Para Amália, a viagem pelo mundo da poesia erudita portuguesa era muito saudável e querida, e tudo se resumia ao gosto pelo canto. Tratava-se de versos para cantar, e ela o fez como instrumento ideal do lirismo lusitano. Não ousou cantar Fernando Pessoa porque não era, a seu ver, cantável.

O fado é um importante componente turístico do destino Lisboa, e Costa (2008, p. 119) complementa: "[...] o fado é veículo de turismo". Para Casarini (2012, p. 21), "[...] todo turista que entra numa casa de fado, naturalmente, espera ver o típico: pessoas fantasiadas com trajes populares, casas decoradas à moda antiga, comidas tradicionais. E pagam para isso [...]". Atualmente, as casas de fado funcionam cada vez mais como um território para o atendimento do público turista em qualquer região do país, seja em Lisboa, Coimbra, Algarve ou Porto.

Nesse ínterim, o presente ensaio[1] objetiva refletir sobre o centenário da fadista Amália Rodrigues e suas contribuições para que tal arte sonora lusitana alcançasse todos os continentes do mundo, com diferentes paisagens e territórios do espaço global para se transformar em um dos principais ativos turísticos de Portugal. Diante do interesse pela temática do centenário amaliano, este trabalho foi preparado conforme o método qualitativo ao privilegiar, sobretudo, os pormenores teóricos de obras físicas e eletrônicas.

Vale lembrar que o acesso a documentos eletrônicos, incluindo textos *on-line* de jornais, páginas de entretenimento e *Facebook*, foi relevante para a metodologia do presente trabalho. Essa busca bibliográfica eletrônica constitui um dos primeiros passos para alcançar os resultados apresentados, no que tange à história de vida da principal voz do fado, responsável pela promoção internacional do turismo lusitano.

Sob esse viés, Campos e Vasconcelos (2018, p. 101) acrescentam que as informações disponibilizadas na Internet permitem "[...] que seus usuários sejam, conscientes ou não, eternos aprendizes ao se envolverem em abundantes processos de pesquisa e de comunicação". Como realçado anteriormente, este trabalho é um ensaio teórico que pretende discutir e compreender o fado a partir da obra de Amália Rodrigues, uma artista:

> [...] com uma inteligência instintiva enorme e um flagrante bom gosto, foi também uma mulher que soube aprender com a vida, 'bebendo' o melhor que as pessoas, com que progressivamente se ia dando, tinham para lhe dar, numa sede imensa de progresso e de novidade, já que sentia que, a manterem-se as limitações habituais do fado tradicional, ele ficaria sempre agregado a um público muito restrito, incapaz de conquistar todo um povo e de ser exportado como produto cultural português de alto nível. E este tipo de ruptura, não menos importante, teve o mérito de ser feito sem que Amália jamais renegasse as suas origens populares, mas aproveitando o melhor e mais autêntico que elas continham, miscigenando com outros significativos conteúdos que lhe foi acrescentando pelo caminho (FERREIRA, 2006, p. 60).

Segundo Ferreira (2006), podemos afirmar que há um fado antes e depois de Amália Rodrigues, pois ela foi responsável por construir novos caminhos e fronteiras para originar o fado

[1] Este trabalho traz parte dos estudos teóricos do projeto de pesquisa financiado pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrPUEG): "TURISMO E POVOS ESTRANGEIROS NO CERRADO: memória, gastronomia, música e outras potencialidades em destinos de viagens".

moderno que, sem dúvidas, é uma herança dessa artista. Amália fez, ao longo de quase seis décadas de carreira artística, um itinerário pela poesia portuguesa, ao se tornar marca cultural e relevante componente turística que contribui para a promoção do país.

1. FADO, UMA MARCA CULTURAL E TURÍSTICA: UM BREVE OLHAR TEÓRICO

> *Que, às margens do rio da sua vida, sempre seja possível contemplar horizontes auspiciosos. Que você possa saborear o curso dos dias com a alma serena, mas que o fado do destino não te prive da euforia dos sonhos (VIEIRA, 2020, [*n.p.*]).*

O gênero musical fado é uma marca cultural imprescindível para a abordagem deste ensaio, pois faz parte do cotidiano das pessoas e do mercado turístico contemporâneo da cidade de Lisboa e de outras regiões de Portugal. Na primeira década do século XX, surgiram os estudos mais rigorosos acerca desse gênero, no que concerne às suas origens e repertórios.

No entanto, para atender à temática da identidade nacional, sublinhamos que somente "[...] nos finais do século XX, esta ganhou muito relevo entre os críticos, jornalistas, políticos e, sobretudo, no seio do mundo acadêmico" (SILVESTRE, 2015, p. 2). Assim, para Silva (2015, p. 73), essa música promovida pela voz de Amália Rodrigues é "[...] um instrumento para a construção de uma marca cultural e turística com impacto internacional, na medida em que os turistas são potenciais consumidores".

Certamente, a globalização é marcante para as atividades artísticas. Sá (2018, p. 59) discorre que, do século XX até o XXI, "[...] o fado torna-se uma das atividades culturais fundamentais para a competitividade e o desenvolvimento da marca da capital portuguesa junto às outras cidades globais". Já Silvestre (2015) assevera que, a partir dos anos 2000, o fado passou a desempenhar o papel principal em vários espetáculos teatrais de renome.

Nesse processo histórico aparece a figura de Amália Rodrigues, considerada uma metáfora da revolução desse gênero musical, por iniciar um percurso com novos rumos e perspectivas de estudo e análise do fado na relação com Portugal e o mundo. Cabe a todos – nomeadamente poetas, músicos, compositores, fadistas ou meros apreciadores de fado –

preservar tal patrimônio, cuja tradição se insere nas canções fadistas que vibra pelas cordas de uma guitarra.

De acordo com Rosal (2018, p. 290), o fado tem uma estrutura melódica bastante simples, cujas origens valorizavam a "[...] interpretação de quem cantava/contava, apelando à comunhão entre o intérprete, músicos e ouvintes. Daí a frase que ainda hoje ouvimos: É tão fadista quem canta como quem ouve!". Ao ser cantado, o fado espera o silêncio e a cumplicidade de quem escuta.

Quando há ruído na sala, ouvimos com frequência a chamada de atenção: "é tão fadista quem canta como quem ouve!" ou "silêncio que se vai cantar o fado!". Para quem o canta, é mais importante:

> [...] o silêncio conseguido na sala do que os aplausos após a apresentação. Essa característica ritual faz da performance do fado um ato coletivo de tipo celebratório. É nesse sentido que podemos também falar de partilha emocional, mais que de arte espetacular (ROSAL, 2018, p. 295).

Em shows de antigas artistas, como Amália Rodrigues, e de nomes contemporâneos, como Ana Moura e Mariza, "[...] o mesmo silêncio é necessário" (VALENTE, 2008, p. 7). Rosal (2018) postula que tal música é tradicionalmente acompanhada por dois instrumentos – viola e guitarra portuguesa – (Figura 2), em que assume uma relevância"[...] acrescida no contexto cultural português, comprovada pelo seu destaque nacional e até mesmo além-fronteiras. Gênero musical apelidado frequentemente como "autêntico" e "puro", o fado é muito mais do que a própria acepção da palavra" (RODRIGUES, 2016, p. 2).

Prieto e Fernández (2017, p. 164) esclarecem que "[...] *el Fado no es triste, que la tristeza es otra cosa; acérquense a él para disfrutar de algo que encontrará dentro de uno mismo, un sentir nuevo e íntimo*". Nesse universo teórico rico, interdisciplinar e complexo, não podemos construir qualquer discussão sobre o fado sem destacar as exímias contribuições de Amália Rodrigues, as quais permitiram:

> [...] que Portugal e Lisboa (cidade onde passou grande parte da sua infância e adolescência) fossem (e)levados além-fronteiras durante o século XX. Nascida no seio de uma família pobre e numerosa, Amália já ganhava a vida a cantar desde os 4 anos de idade. Antes de atingir a maioridade, foi escolhida para solista da Marcha de Alcântara em 1936, encantando as ruelas lisboetas. A partir desse momento, a carreira da fadista teve uma ascensão incomparável, que lhe permitiu construir uma herança notável no universo fadista, percorrendo os quatro cantos do mundo com o fado na voz, desde as Américas até África (RODRIGUES, 2016, p. 20).

Figura 2. Guitarras no Museu do Fado em Alfama, Lisboa

Fonte: Elaboração do autor (2019).

A voz de Amália Rodrigues é um produto imprescindível para a atração turística do país, principalmente para o destino turístico Lisboa. Nesse contexto, Rodrigues (2006, p. 31) enfatiza que, com o passar dos anos, a capital portuguesa tem intensificado e preservado as "[...] práticas artísticas e culturais que se lhe associam, onde o fado desempenha um papel preponderante na conservação da tradição e como meio de afirmação da identidade portuguesa e das trocas interculturais entre diversas comunidades". De acordo com Santos (2020), a atratividade turística do universo fadista assiste a um crescimento gradual que se insere, sobretudo, nas atrações dos bairros tradicionais lisboetas.

As Casas de Fado são vistas como um ambiente mais intimista e circunscrito, propício para atrair turistas. Rodrigues (2016, p. 28) salienta que o "[...] fado é hoje um produto particularmente importante no que diz respeito à atração turística do país, concentrando-se particularmente em Lisboa". Nesse sentido, Santos (2020) pontua que há um desejo de viajar e conhecer lugares com a poética fadista, ao entender que o turista interessado em cultura não deseja apenas conhecer casas, espaços urbanos e museus fadistas, como também experimentar as leituras das letras musicais (a poética), isto é, as (entre)linhas de uma cultura que é portuguesa e global ao mesmo tempo.

Sustentamos que o território musical é constatado pelas "[...] relações de vivência, de idealização das práticas sociais e culturais e os processos de enraizamento concedem ao espaço o caráter de território, em que se criam territorialidades culturais" (TEIXEIRA; ALMEIDA, 2014, p. 217). Assim, quando o turista passa pelas ruas de Alfama e visita o Museu do Fado, torna-se inevitável não lembrar da arte de obra de Amália Rodrigues.

2. A INTERNACIONALIZAÇÃO DO FADO E A VOZ DE AMÁLIA RODRIGUES

Amália dizia que a sua vida e a sua carreira eram obra do destino [...]
(FERREIRA, 2006, p. 134).

Inicialmente, podemos salientar que a internacionalização do fado se inicia por meio da voz de Amália Rodrigues (Figura 3) em 1943, com uma apresentação na Embaixada Portuguesa de Madri, e, no ano seguinte, houve o primeiro show no Brasil. A genialidade dessa fadista traduziu o sentimento lusitano para o mundo, ao se apropriar da poesia camoniana e atravessar fronteiras de um gênero musical que se origina nas vielas lisboetas. Com isso, Amália se tornou um ícone do fado.

Figura 3. Fundação Amália Rodrigues

Fonte:https://www.facebook.com/fundacaoamaliarodrigues/photos/a.148019055209925/2769519653059839>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Em 2020, em Portugal e em outros países do mundo, a voz de Amália se apresentou como fator de reunião entre as pessoas por meio de uma programação global, além de uma ação de divulgação de ideias, com o objetivo de celebrar o centenário dessa artista universal. Nesse contexto, foi assegurado nas redes sociais que:

> Amália Rodrigues (1920-1999) é uma das personalidades mais importantes da história da música do século XX. A sua carreira internacional foi das mais longas e globais de todo o século XX. Em pleno século XXI, o seu legado permanece vivo, moderno e intemporal. No esplendor das suas metamorfoses e ciclos, o vasto patrimônio fonográfico de Amália Rodrigues afirmou-a, há muito, como uma das melhores cantoras dos nossos tempos. Desde a sua estreia profissional, em 1939, no Retiro da Severa, Amália foi um fenômeno de popularidade. Arrebatou plateias, acendeu paixões e suscitou os mais animados debates. No pós-guerra, Amália Rodrigues era já a grande figura de referência no panorama musical português [...]. Em Espanha, no Brasil, no México, nos Estados Unidos, em França, Itália ou Japão, Amália Rodrigues alcançou uma consagração sem precedentes, sucessivamente aclamada e idolatrada pelo público e pela crítica [...]. A celebração do Centenário do seu Nascimento, em 2020 e 2021 será uma ocasião ímpar para ganharmos uma mais nítida e fundada consciência da importância de Amália Rodrigues na cena cultural contemporânea (CENTENÁRIO AMÁLIA RODRIGUES, 2020, p. 1).

Assim, quando abordamos o tempo amaliano neste artigo, é inconcebível não ressaltarmos outro momento emblemático dessa música referência de Portugal, em que foi elevada à categoria de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a 27 de novembro de 2011 em Bali, na Indonésia. Esse título, associado à voz de Amália Rodrigues, fez com que o fado aportasse com mais autoridade em territórios comerciais e turísticos do mundo, para as pessoas viajarem pelo íntimo de uma poética cultural e musical.

Como citado anteriormente, diversas comemorações ocorreram em 2020-2021 sobre o centenário da principal voz do fado, com destaque para exposições, conferências, tertúlias e colóquios, eventos organizados principalmente por instituições como Museu do Fado, Universidade Nova de Lisboa e Fundação Casa Museu Amália Rodrigues. Com a consciência do pouco que se sabe sobre a obra e vida dessa artista, este ensaio foi escrito para também homenageá-la em seu centenário, um espólio de história com a música determinante para o aspecto cognitivo-científico.

Conforme as leituras de diferentes textos, em especial a tese de Silvestre (2015), compreendemos que fadista não é somente a pessoa que interpreta o fado, como também a que sente uma envolvência desse gênero e seus dramas, além de se encantar pela voz de Amália Rodrigues. A utilização do silêncio se sobressai como uma fronteira intransponível entre o fadista e o público, no que tange ao espaço da interpretação, no sentido de facultar ao intérprete um ambiente dramático em que ele, ao apelar às capacidades criativas, reproduz a vivência, a experiência e o sentir de quem já foi turista nas tascas em Lisboa.

Dessa maneira, a voz de Amália acompanhou de perto as principais transformações do mercado turístico lusitano, pois alguns temas são recorrentes no universo sonoro amaliano, entre eles a exaltação de Lisboa como cidade de origem e de vários contrastes (FERREIRA, 2006). Como verificamos no trabalho de autor citado, diversos poemas abordam o contraste entre a faceta turística de uma localidade à beira do rio Tejo, luminosa e feminina, com os recônditos escondidos, feridas em uma geografia que, à primeira vista e ao observador desprevenido, parecem perfeitas. Assim, em:

> [...] “Maria Lisboa” o poeta consegue uma identificação perfeita da cidade luminosa, mediterrânica, cheia de uma luz clara, desembocando no Tejo, com uma mulher que vive do mar (varina) e que, entre os signos/sinais de que se reveste estão muitos dos motivos decorativos que caracterizaram a aventura das Descobertas e o Manuelino português (na canastra a caravela; é de conchas o vestido; algas na cabeleira). Daí, o título de Maria, o nome feminino mais português, identificado aqui com a cidade de Lisboa: “Alfama não cheira a fado/Cheira a povo, a solidão/A silêncio magoado/Sabe a tristeza com pão/Alfama não cheira a fado/Mas não tem outra canção” (José Carlos Ary dos Santos, “Alfama”) e “Vende sonho e maresia/tempestades apregoa/Seu nome próprio, Maria/Seu apelido, Lisboa” (David Mourão-Ferreira, “Maria Lisboa”). Em suma: Amália, ao cantar grandes mestres e cultores da lírica nacional, assumiu, através da sua obra, uma gramática de sentimentos e de emoções que caracterizam, de uma forma intensa e profunda, a alma de um povo. Mitos e tópicos presentes, ao longo da História de Portugal e que, vão formando, ao longo dos séculos, “o subconsciente coletivo de um povo”, caracterizando assim a sua singularidade na Europa das Nações (FERREIRA, 2006, p. 127-128).

Segundo Ferreira (2006), ao cantar tais temas, Amália Rodrigues divulgou não somente uma poesia de caráter erudito junto a um vasto público que a conhecia apenas por meio dos livros ou que, ao desconhecê-los, os tinha presentes na alma, pois exprime também uma gramática de sentimentos que se encontra ao longo da tradição lírica portuguesa. Essa foi, porventura, uma das razões da identificação do povo com a voz e a figura que se tornou referência para o fado, o que justifica o êxito no mercado turístico contemporâneo para promover a música lusitana e os territórios do destino turístico Lisboa.

Mesmo para quem desconhece a Língua Portuguesa, o cantar de Amália Rodrigues é compreendido de uma forma singular, por meio da tessitura e dos cambiantes dramáticos da sua voz, universal na expressão dos sentimentos e emoções característicos de um povo. Amália teve ainda o mérito de popularizar uma poética de raiz erudita, o que a aproximou, de maneira sábia e intuitiva, do universo intelectual e literário da práxis popular. O êxito e a importância da artista derivam ainda de uma enorme autenticidade que resulta da identificação da voz/pessoa com a gramática sentimental e emotiva dos poemas e poetas que encontraram nova vida e públicos na sua voz (FERREIRA, 2006).

Evidentemente, falar da voz e das músicas de Amália Rodrigues é um modo de conhecer a sua importância para a atividade turística contemporânea em Portugal. No tocante aos tradicionais bairros de Lisboa, marcados pela música fado e a voz de Amália, a atividade turística

representa uma alternativa socioeconômica no âmbito da cidadania, com geração de emprego e fonte de renda; a promoção do desenvolvimento econômico e cultural nas bases local, regional e internacional; e a conservação de recursos históricos e patrimoniais (COSTA; BRANDÃO; COSTA; BREDA, 2014).

Nesse universo, a atividade turística aparece como uma das principais indústrias a nível mundial e assume, dentre vários objetivos, criar valor para milhões de consumidores turísticos em contextos culturais diversos (SILVA; MATIAS; PINTASSILGO, 2014). Segundo Cravidão (2017, p. 59), "[...] existe hoje uma cultura planetária que promove novas relações com o tempo, com o passado, com o território"; por conseguinte, tal cultura apela às experiências, a uma atração quase nostálgica e a uma identidade social e territorial, cujo cenário é perceptível na voz de Amália Rodrigues.

Ligações entre o turismo, a música e os territórios "[...] parecem-nos particularmente importantes no tecido das práticas turístico-culturais da sociedade contemporânea" (CRAVIDÃO, 2017, p. 60). Ademais "[...] o turismo é atualmente um setor estratégico do desenvolvimento das sociedades, concretizando fluxos de pessoas e bens que, a nível mundial e europeu, assume uma importância apenas ultrapassada por setores globalizados" (SILVA; PERNA, 2005, p. 449).

Nesses termos, as "[...] formas particulares de cultura se relacionam com especificidades de tempo e de lugar que devem ser tidas em conta" (SANTOS, 2006, p. 143). Tal cultura, para Cunha (2001), foi, desde sempre, um dos mais importantes aspectos de desenvolvimento do turismo e tem se tornado cada vez mais acentuado, pois grande parte das viagens é realizada para destinos que dispõem de fatores culturais notáveis.

Alguns desses elementos podem ser criados artificialmente em qualquer localidade (a exemplo dos museus), outros estão profundamente ligados aos lugares onde se desenvolveram (como os locais históricos ou centros arqueológicos) e há os que se relacionam à maneira de viver de cada povo (tradições). Nesse prisma, a cultura, o fado e os bens culturais diversos exercem forte atração e podem, por si sós, originar a criação de destinos turísticos. Portanto, um patrimônio cultural bem valorizado é um trunfo considerável, sobre o qual as ações de promoção turística insistem com frequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os apontamentos não se encerram neste simples ensaio acadêmico, visto que ainda permanecerão lacunas e rupturas sobre o tema. É fundamental impulsionar outras reflexões e diálogos que possibilitem pensar a música de Amália Rodrigues associada a áreas como turismo, geografia urbana, literatura e cultura. Sabemos que, no Brasil, há poucas investigações científicas sobre o fado como componente turística e a referida artista, uma temática que se harmoniza com o espaço, os territórios, os lugares e as redes. Além disso, os estudiosos de destinos turísticos precisam discutir assuntos que vinculam as relações espaciais urbanas com a música.

Destarte, podemos afirmar que Amália Rodrigues, que nasceu fadista em 23 de julho de 1920, no tempo das cerejeiras e que possui legado plural, provocou, em muitos amantes do fado e da guitarra portuguesa, o desejo de celebrar os 100 anos de uma carreira apoteótica. Ela propõe uma viagem que não se perdeu nas névoas do esquecimento, mas que se mantém viva em papéis de investigações e poemas, sobretudo em discos que simbolizam uma história particular que enriquece a alma de quem ouve e viaja.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, V. G. S.; VASCONCELOS, C. A. Aprendizagem autodirigida via internet: um meio possível de instituir-se. In: VASCONCELOS, C. A. (Org.). **Tecnologias, currículo e diversidades***:* substratos teórico-práticos da/na Educação. Maceió: EdUFAL, 2018, p. 101-118.

CASARINI, M. **Lisboa menina e moça***:* a personificação da cidade nas letras de fado. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CENTENÁRIO AMÁLIA RODRIGUES. **Amália 100 anos** – celebrações. 2020. Disponível em: <http://centenarioamaliarodrigues.pt/tag>. Acesso em: 7 jun. 2021.

COSTA, A. **Sociedade de bairro***:* dinâmicas sociais da identidade cultural. 2. ed. Lisboa: Celta, 2008.

COSTA, C.; BRANDÃO, F.; COSTA, R.; BREDA, Z. (Orgs.). **Turismo nos países lusófonos:** conhecimento, estratégia e territórios. Lisboa: Escolar, 2014.

CRAVIDÃO, F. Velho(s) território(s): novo(s) turismo(s). In: COSTA, C.; BRANDÃO, F.; COSTA, R.; BREDA, Z. (Orgs.). **Turismo nos países lusófonos:** conhecimento, estratégia e territórios. Lisboa: Escolar, 2017, p. 59-69.

CUNHA, L**. Introdução ao turismo**. Lisboa: Verbo, 2001.

FERREIRA, R. M. M. **Amália Rodrigues**: com que voz, cho(ra)rei meu triste fado! – A poesia no universo fadista de Amália. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Aberta, Lisboa, 2006.

PRIETO, A. G.; FERNÁNDEZ, M. A. **Unos españoles en la corte del rey fado**. Lisboa: DG, 2017.

RODRIGUES, S. F. **O fado e a valorização turística dos bairros lisboetas***:* estudo de caso no bairro de Alfama. 2016. 91f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

ROSAL, C. Silêncio que se vai cantar o Fado. **GIS – Gesto, Imagem e Som**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 285-301, jul. 2018.

SÁ, M. O fado e a construção da Lisboa monumental, uma breve introdução. **Revista Antropolítica***,* [*s.l.*], n. 39, p. 47-65, jul./dez. 2018.

SANTOS, J. C. V. Fado, canção de liberdades poéticas: um ensaio teórico nos entremeios da geografia e do turismo. **Sapiência***,* [*s.l.*], v. 9, n. 1, p. 160-172, 2020.

SANTOS, M. da G. M. P. **Espiritualidade, turismo e território**. Estoril: Principia, 2006.

SILVA, C. S. M. **O fado como instrumento de apoio à internacionalização portuguesa**. 2015. 132f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Gestão, Lisboa, 2015.

SILVA, J. A.; MATIAS, A.; PINTASSILGO, P. Reflexões sobre a economia do turismo. In: COSTA, C.; BRANDÃO, F.; COSTA, R.; BREDA, Z. (Orgs.). **Turismo nos países lusófonos:** conhecimento, estratégia e territórios. Lisboa: Escolar, 2014, p. 41-57.

SILVA, J. A.; PERNA, F. Turismo e desenvolvimento autossustentado. In: COSTA, J. S. (Coord.). **Compêndio de economia regional**. Coimbra: Gráfica de Coimbra; APDR, 2005, p. 449-472.

SILVESTRE, V. F. S. de A. **O fado e a questão da identidade***.* 2015. 316f. Tese (Doutorado) – Universidade Aberta de Portugal, Lisboa, 2015.

TEIXEIRA, M. F.; ALMEIDA, M. G. A catira e a produção de uma identidade territorial no estado de Goiás. In: MARQUES, L. M. **Geografias do cerrado***:* sociedade, espaço e tempo no Brasil Central. Uberlândia: Edibrás, 2014, p. 217-241.

VALENTE, H. A. D. **Canção d'Além-Mar***:* o fado e a cidade de Santos. Santos: Realejo, 2008.

VALENTE, H. A. D. Para se cantar o fado, tem de saber dar o mordente! Manuel Marques, Adélia Pedrosa e a difusão da música portuguesa na capital paulista. In: VALENTE, H. A. D. (Org.). **Trago o fado nos sentidos***:* cantares de um imaginário atlântico. São Paulo: Letras e Voz, 2013, p. 152-172.

VIEIRA, M. S. **Carta de aniversário com fado**. Ceres (GO), 27 set. 2020.

Recebido em 07/04/2022
Aprovado em 03/06/2022